

PROPAGAÇÃO VEGETATIVA DE FRUTEIRAS NATIVAS

Coordenador: SERGIO FRANCISCO SCHWARZ

Autor: Matheus Stapassoli Piato

No Sul do Brasil, dentre as muitas espécies nativas existentes destacam-se aquelas pertencentes à família Myrtaceae, compreendendo cerca de 102 gêneros e 3.024 espécies conhecidas, distribuídas, principalmente, em países de clima tropical e subtropical. Suas espécies são arbustivas ou arbóreas, com folhas inteiras, de disposição alterna ou oposta e, às vezes, oposta cruzada, com estípulas muito pequenas. O gênero *Eugenia* está entre os mais importantes desta família e concentra espécies como a cerejeira-do-rio-grande (*Eugenia involucrata* DC.), a pitangueira (*Eugenia uniflora* Berg.) e a grumixameira (*Eugenia brasiliensis* Lam.), nativas do sul do Brasil. Seus frutos possuem potencial para consumo in natura ou para processamento na forma de doces, geléias, sucos e sorvetes. Também são espécies utilizadas para fins ornamentais. Muitas das espécies do gênero *Eugenia* apresentam dificuldades para a obtenção de sementes em quantidades que permitam a produção de mudas em larga escala, tanto para o aproveitamento comercial como para o aproveitamento em programas de repovoamento vegetal. Um dos impedimentos de cultivos mais tecnificados destas espécies é a falta de homogeneidade nos lotes de mudas oferecidos pelos viveiristas, ocasionados pela propagação sexuada, tradicional forma de propagação destas plantas. O que acarreta problemas na condução de pomares com desuniformidade de forma e tamanho de plantas, baixa produtividade e má qualidade dos frutos e grande diversidade em tipos e cores de frutos. O desenvolvimento lento dessas nativas por métodos propagativos convencionais, aponta a necessidade da utilização da propagação vegetativa ou clonal, a qual tem sido uma importante ferramenta para a produção de lotes homogêneos de diversas espécies de importância econômica e ambiental. O Laboratório de Biotecnologia em Horticultura do Departamento de Horticultura e Silvicultura da Faculdade de Agronomia da UFRGS (LBH) trabalha a mais de uma década, auxiliando produtores na resolução de problemas relacionados ao manejo, produção e, principalmente, a propagação de plantas, já tendo executado projetos de produção de mudas de plantas como morangueiro, abacaxizeiro, orquídeas, eustoma, latifólias, mosquitinho, menta, além de outras frutíferas, florestais, medicinais e aromáticas. Na propagação vegetativa estão incluídas a macropropagação, destacando-se as técnicas de estaquia e de enxertia, e a micropropagação ou propagação in vitro. Há plantas que são

facilmente propagadas vegetativamente. Mas para estas três espécies de mirtáceas há carência de informações da facilidade de enraizamento de estacas, da compatibilidade de tecidos na enxertia, ou ainda, a capacidade de obtenção de novas plantas completas a partir de pequenos pedaços de tecidos cultivados em condições assépticas (in vitro). Após vários anos de estudo no LBH, tem-se alcançado um certo grau de viabilidade na propagação destas espécies através da enxertia, mas segue-se estudando a estaquia assim como a viabilidade do cultivo in vitro destas. Esse sistema de propagação clonal, muitas vezes, faz com que haja um menor percentual de degradação ambiental, pois o produtor ao adquirir mudas prontas, ele terá um planejamento de plantio para a locação de seu pomar, podendo assim amenizar ou até evitar um possível desmatamento. Quando os protocolos de propagação vegetativa estiverem bem definidos poder-se-á realizar treinamentos a produtores interessados em produzirem mudas destas espécies. Os trabalhos estão em andamento, sendo necessário ampliar os estudos, principalmente para conscientizar os produtores a amadurecer a idéia de repovoar a vegetação nativa de nosso Estado. Vale lembrar que além das plantas citadas acima, há também trabalhos de propagação de outras espécies nativas como, por exemplo, o guabijuzerio e o butiazeiro.